

Os desafios encontrados no trabalho de campo do projeto Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce, MG.

Samara Alves Avanzi (OBIT/UNIVALE)
Prof. Dr. Carlos Alberto Dias (UFVJM)
Prof. Dr. Haruf Salmen Espindola (OBIT/UNIVALE)

Resumo

Este trabalho aborda as dificuldades enfrentadas por pesquisadores de campo na coleta de dados para a pesquisa “Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce”, realizada na cidade de Governador Valadares, no estado de Minas Gerais. A pesquisa tem especial importância pelo fato de ser a primeira vez que se realiza um levantamento de campo com uma abrangência de questões e cobertura de todos os bairros da cidade. Isso é ainda mais significativo em função dos impactos que decorrem do rompimento da barragem do Fundão da mineradora SAMARCO, uma joint-venture entre a Vale S.A. e a anglo-australiana BHP Billiton, cada uma com 50% das ações da empresa (as maiores mineradoras do Mundo), ocorrida em 5 de novembro de 2016. O objetivo desse artigo é verificar os recursos utilizados pelos pesquisadores de campo na superação de desafios encontrados durante a coleta de dados, nos seus diferentes níveis de complexidade. Utilizou-se como metodologia análise dos relatos das experiências vividas pelos pesquisadores no trabalho de campo contidos nos cadernos de campo.

Palavras chave: migração, trabalho de campo, cotidiano do pesquisador de campo; pesquisa interdisciplinar.

Área de Submissão: 3. Demografia.

Os desafios encontrados no trabalho de campo do projeto Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce, MG.

Introdução

O presente artigo discute os desafios encontrados pelos pesquisadores de campo no processo de coleta de dados, para a pesquisa “Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce”, realizada no município de Governador Valadares-MG.¹ Percebe-se com base nos relatos de experiências dos pesquisadores que vários são os desafios enfrentados neste processo de coleta. Todavia o presente artigo apresentará dificuldades enfrentadas e as estratégias utilizadas para a resolução. A metodologia utilizada na pesquisa baseia-se no método quali-quantitativo. Foram aplicados nesta pesquisa 1.200 questionários em 40 conglomerados de Governador Valadares.

Com base em Fonseca (2002) a pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações, que vão além da pesquisa bibliográfica e/ou documental. Referem-se também ao procedimento e a realização de coletas de dados feitas junto às pessoas (informantes), com distintos tipos de recursos e em diferentes pesquisas.

A pesquisa é definida por Gil, A. C. (2007:17), como um:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. (GIL, A. C. 2007:17).

Dessa maneira, só é possível iniciar uma pesquisa a partir de uma pergunta, tendo como objetivo propor respostas à questão levantada inicialmente, com o intuito de contribuir com benefícios ou conhecimentos para a sociedade. Deste modo, pesquisar é procurar respostas para determinado problema.

Segundo Gerhardt & Silveira (2009:12) a pesquisa científica envolve a seleção do tema, a formulação do problema, a especificação dos objetivos, a construção das suposições e a operacionalização dos métodos. Entretanto, ao desenvolver uma pesquisa científica primeiramente deve-se ter o conhecimento dos temas a serem pesquisados, além de recursos financeiros, materiais e recursos humanos. A realização de todo o procedimento deve ser efetivado passo a passo, dispondo-se de todos os artifícios possíveis. Assim, o planejamento torna-se igualmente importante.

Caracterização do município onde foi realizada a pesquisa de campo, Governador Valadares-MG

¹ Trata-se de um estudo desenvolvido no âmbito do projeto “Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce”, que conta com o fomento do CNPq. Processo: 483714/2012-7. O projeto tem a coordenação geral do Prof. Dr. Gilvan Ramalho Guedes (CEDEPLAR/UFMG) e dos pesquisadores Dr. Alisson Flávio Barbieri, Dr. Dimitri Fazito de Almeida Rezende (CEDEPLAR/UFMG), Dr. Weber Soares, (IGC/UFMG), Dr. Haruf Salmen Espindola (GIT/UNIVALE) e Carlos Alberto Dias (UFVJM). O trabalho de campo contou com o apoio do Observatório Interdisciplinar do Território (OBIT/UNIVALE) e do Núcleo de Estudos e Desenvolvimento Regional (NEDER/UNIVALE).

O Projeto “Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce” busca analisar a vulnerabilidade socioambiental dos municípios que compõem a mesorregião Vale do Rio Doce, a partir das condições de risco, resiliência e adaptação das populações frente a mudanças ambientais no contexto urbano. A cidade de Governador Valadares é a principal base de coleta de dados, por meio de questionário estruturado, cuja quantidade de questões demanda um grande esforço dos pesquisadores. Seria importante identificar os elementos geo-históricos de Governador Valadares, tendo em vista que eles definem as perguntas presentes no questionário, a distribuição das amostras e o roteiro do trabalho dos pesquisadores de campo.

Governador Valadares, localizada na Mesorregião do Vale do Rio Doce (VRD), polariza uma população estimada em mais de 1,4 milhões de habitantes, particularmente nos serviços educacionais e de saúde. A cidade de Governador Valadares é o polo geoe educacional e de saúde da região três das sete microrregiões que compõem a mesorregião: microrregião de Governador Valadares, de Aimorés e Peçanha. O adensamento demográfico e econômico da Mesorregião do Vale Rio Doce se efetivou entre 1930 e 1970, quando se intensificou e consolidou a ocupação das terras cobertas pela floresta tropical (Mata Atlântica), no Leste do Estado de Minas Gerais. A cidade de Governador Valadares cresceu aceleradamente nas décadas de 1940, 1950 e 1960, em função da posição de entreposto comercial e serviços, centro de beneficiamento dos produtos regionais e concentração dos serviços públicos estaduais e federais.

A Mesorregião do Vale Rio Doce, tendo Governador Valadares, como centro polarizador, ocupou um papel importante no processo de industrialização do Brasil, com uma economia baseada na exploração dos recursos naturais: exportação de minério de ferro e madeira de lei; siderurgia e produção de carvão vegetal; beneficiamento e exportação de mica; indústria da madeira; agroindústria açucareira; produção agrícola, aproveitando os solos férteis, para os centros industriais em expansão; e criação extensiva de gado bovino, vendidos aos grandes frigoríficos do Rio de Janeiro.

Os grandes investimentos de capital em infraestrutura ferroviária e rodoviária (Estrada de Ferro Vitória a Minas e rodovia Rio-Bahia) e na indústria da mineração e siderurgia produziram uma mudança significativa no perfil da fronteira agrícola, ao transformar a região em zona de penetração capitalista (frente pioneira). Nas três décadas, esses fatores contribuíram para a expulsão dos camponeses de suas terras e a perda da terra por parte de posseiros, substituídos por aqueles possuidores de capital que podiam comprar as terras públicas do estado de Minas Gerais: fazendeiros, siderúrgicas, madeireiros, mineradores, entre outros. Mesmo com a Constituição e a lei garantindo o direito de posse por parte dos camponeses, esse perderam as terras. Esse processo não se deu sem violência privada e acobertamento pública dessa violência, num contexto de predomínio do mais “forte” (ESPINDOLA et. alii., 2010, p. 20-22).

Constituiu-se na região uma conjuntura histórica marcada pela violência, com atuação de pistoleiros, crime de morte encomendado, tocaias e enfrentamentos armados. O próprio corpo social em formação manifestava forte tenência à violência, como indica um depoimento colhido em 2001, em trabalho de campo na zona rural de Governador Valadares: “Os moradores antigos eram mais briguentos, havia muita violência”.² A violenta se condensou na cidade de Governador Valadares, onde residia e de onde partida decisões para se executar atos de violência contra posseiros, no objetivo de expulsa-los da terra. Na década de 1950 cresceram os despejos rurais (expulsão de

²O depoimento foi dado por antigo morador da vila do povoado de Santo Antônio do Porto, distrito de Santo Antônio do Pontal, município de Governador Valadares, para a equipe encarregada do diagnóstico rápido participativo (DRP), no trabalho de campo do Projeto CNPq, coordenador pelo Prof. Dr. Haruf Salmen Espindola, Plano de Desenvolvimento Rural Sustentável de Governador Valadares, em 2002. Plano de Desenvolvimento Rural Sustentável de Governador Valadares. Governador Valadares: Centro Agroecológico Tamanduá; Prefeitura Municipal de Governador Valadares; Universidade Vale do Rio Doce; Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2002.

camponeses de suas terras). Com a organização e luta dos camponeses, que tiveram apoio do prefeito de Governador Valadares, Ladislau Sales (1955-1959), além de auxílio do Partido Comunista, para resistirem aos despejos, os proprietários rurais recorreram às suas associações rurais, que até então eram poucofrequentadas e representativas. Os fazendeiros consideravam as terras como sendo de direito destinadas a serem propriedades suas e, dessa forma, viam os posseiros que residiam nelas a anos ou décadas como invasores. Como os camponeses se organizaram para enfrentar os despejos, “as lideranças dos fazendeiros consideravam a situação intolerável e, em resposta, formaram milícia armada para enfrentar o que denominavam de invasões de fazendas no Vale do Rio Doce” (ESPINDOLA et. alii., 2011, p. 4).

A expulsão das famílias camponesas da terra combinada com a força de atração urbana da cidade de Governador Valadares, entroncamento de ferrovia com rodovias, conectada a toda a região do rio Doce, cresceu significativamente o êxodo rural. A cidade de Governador Valadares experimenta altos índices de crescimento demográfico na década de 1950 e 1960. A população rural que chega a cidade encontra emprego e salários diferenciados, em função da demanda por mão-de-obra. Formam-se “vilas” ao redor das grandes serrarias e, por outro lado, o poder municipal, proprietário das terras, distribuía pequenos lotes e favorecia a ocupações irregulares, dando origem a favela do morro Carapina e, principalmente a ocupação da longa faixa aluvial do rio Doce e das margens dos córregos do Figueirinha e do Onça. Exceto o morro do Carapina, a cidade se expandiu inicialmente pelas áreas inundáveis ao longo do rio Doce e dos córregos. Nas décadas de 1970 e 1980 se intensificou os processos de ocupação irregular que começaram a construir em locais de inundação ou de topografia inadequada, de difícil realização de melhorias urbanas e muito sujeita ao risco de enchentes ou deslizamentos. (ESPINDOLA, 1998)

A cidade de Governador Valadares continuou a crescer nas décadas seguintes em função do esvaziamento econômico da região, tragando a população das zonas rurais dos municípios da região e, posteriormente, a população das cidades e vilas. Enquanto decresce a população regional, Governador Valadares vê se expandir sua malha urbana, com novos bairros populares em loteamentos que privilegiam as margens do rio Doce. Na década de 2000, com o esgotamento das áreas ao longo do rio e, devido às restrições legais, novos loteamentos passaram a ser oferecidos no sentido perpendicular ao rio Doce. Esse processo definiu a forma assumida pela cidade e a distribuição dos bairros responde ao processo de formação histórica do território.

Além da insegurança advinda da precariedade em relação à posse, da casa ou do terreno, há outros alertas constantes: o risco de desabamentos oriundos da fragilidade das construções, a ameaça de enchentes, fato marcante na realidade valadarense, as doenças trazidas pela inexistência/insuficiência do saneamento, e ainda, a violência. (GUIMARÃES, 2009: 109)

Inicialmente, a questão ambiental e sanitária foi um limitador da ocupação e crescimento de Governador Valadares, em função da alta incidência de malária. Entretanto, na década de 1940 iniciou o saneamento do vale do rio Doce (1942) pelo Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), depois dos Acordos de Washington, que determinaram a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. As ações de saúde pública, intensificadas na década de 1950, permitiram controlar doenças além de implantar o Serviço Autônomo de Água e Esgoto. A cidade de Governador Valadares oferecia um serviço de saúde contra doenças comuns, porém responsáveis por grande mortalidade infantil e de adultos, tais como verminoses de toda espécie, febre tifoide, sarampo, leishmaniose, hanseníase, entre outras. Portanto, o perfil sanitário adverso foi alterado, permitindo o rápido adensamento urbano. (VILARINO, 2008)

A característica do crescimento econômico de Governador Valadares foi sua dependência dos recursos naturais. Em 1970, quando esses recursos estavam praticamente esgotados, teve início o processo de fuga de capitais e esvaziamento demográfico (intensa migração para outras regiões do Brasil, para grandes cidades e para o exterior). As potencialidades oferecidas pela natureza se

converteram nos graves problemas ambientais, tendo a população da cidade, moradora das margens do rio Doce e dos córregos, bem como das áreas de riscos nos morros da cidade, ficado vulnerável nos períodos de intensas chuvas de verão. Na verdade, a vulnerabilidade da população em função das chuvas de verão é uma consequência do fato de ter sido “na história da cidade desconsiderada no jogo do mercado imobiliário” (GUIMARÃES, 2009, p. 98).

A configuração da cidade de Governador Valadares é marcada pela “existência de intensas desigualdades” em sua configuração e característica do espaço urbano. “Além das significativas diferenças relativas à paisagem, as desigualdades são visíveis pela divisão extremamente assimétrica da infraestrutura urbana” (GUIMARÃES, 2009, p. 86). Esta configuração e característica foram consideradas na repartição dos bairros e no seu agrupamento em regiões urbanas para fins de coleta dos dados por meio do questionário estruturado, cuja quantidade de questões demanda de 90 a 120 minutos de aplicação. A cidade de Governador Valadares é a principal base de coleta de dados do projeto, cujo objeto é analisar a vulnerabilidade socioambiental dos municípios que compõem a mesorregião Vale do Rio Doce, a partir das condições de risco, resiliência e adaptação das populações frente a mudanças ambientais no contexto urbano.

A relação entre pesquisador e informante no processo de coleta de dados

Em pesquisas que demandam trabalho de campo e, de modo peculiar, aquelas cujo eixo principal dá-se nas relações entre os pesquisadores e os informantes é imprescindível que ocorra a empatia entre ambos, para que os dados obtidos pelos pesquisadores sejam autênticos.

Durante a realização das entrevistas, o contato entre pesquisador e informante é parte complementar na análise dos dados, pois é através deste contato que o vínculo vai sendo estabelecido, ocorrendo assim uma maior interação por parte do informante. Percebe-se que vários são os comportamentos apresentados pelos pesquisadores durante a coleta de dados, e que podem afetar diretamente no resultado da pesquisa. Estes comportamentos estão intercalados com os sinais corporais, expressões faciais, mudança na tonalidade da voz e dentre outros, comprometendo assim os resultados da pesquisa. (DUARTE, R. 2001:145)

De acordo com Oliveira (1998:35) “o olhar, o ouvir e o escrever devem ser sempre tematizados ou, em outras palavras, questionados enquanto etapas de constituição do conhecimento pela pesquisa empírica”. A cogitação que Oliveira apresenta na citação acima é de suma importância para a aprendizagem dos pesquisadores, pois ao olhar, ouvir e escrever, as habilidades dos mesmos estão sendo desenvolvidas. Simultaneamente os pesquisadores ampliam as capacidades de analisar e discernir sobre o assunto em questão com uma melhor compreensão das respostas relatadas. É necessário que todos os pesquisadores desenvolvam estas habilidades, para que assim possam socializar as experiências, os desafios e as descobertas no qual foram vivenciadas, possibilitando a troca de saberes entre os pesquisadores, permitindo um maior enriquecimento da pesquisa.

Zanelli J. C. (2002:83) descreve que “Pesquisar é, em si, um processo de aprendizagem. Aprendizagem pelas descobertas próprias do estudo, aprendizagem contínua de pesquisar [...]”. No trabalho em campo tanto o pesquisador quanto o informante se beneficiam seja no sentido da troca de conhecimentos, seja no âmbito das experiências de vida. Deste modo, a aprendizagem torna-se algo inerente além de proporcionar melhoras no contexto social em que está sendo pesquisado.

[...] essas situações de contato exigem atenção redobrada por parte do pesquisador, pois ele corre o risco de ver a entrevista escapar-lhe completamente das mãos e perder-se dos objetivos da pesquisa, restringindo-se a divagações ou, mesmo, resvalando para uma espécie de “troca de experiências” mútuas, que compromete bastante a qualidade do trabalho. (DUARTE, R. 2001:147).

Assim, o autor deixa nítido na citação acima a responsabilidade que possui o pesquisador em trabalho de campo, os imprevistos que podem ocorrer, os desafiosos serem enfrentados, tudo isso faz parte do processo de coleta de dados. Mas que precisa ser superadas pelos pesquisadores para que a coleta ocorra de forma eficiente.

Certas qualidades tornam-se indispensáveis no trabalho do pesquisador para que ocorra o êxito da pesquisa como aponta Gil, A. C. (2002:18). Qualidades estas, intelectuais e sociais, que podem ser caracterizadas pelo conhecimento do pesquisador acerca do tema que está sendo pesquisado; o desejo intenso de ver, ouvir, conhecer e experimentar algo novo; a capacidade criadora; a experiência; a disposição de se sensibilizar com questões sociais; e, a disciplina, dentre outros.

Em relação à análise dos dados obtidos, o pesquisador precisa estar atento para não deixar com que a sua subjetividade venha interferir na resposta do informante tendo consciência para acolher a crença do informante, pois a sua percepção é baseada na sua própria vivência em seu território. “[...] Muito do que nos é dito é profundamente subjetivo, pois trata-se do modo como aquele sujeito observa, vivencia e analisa seu tempo histórico, seu momento, seu meio social etc.; é sempre um, entre muitos pontos de vista possíveis” (DUARTE, R. 2004 :219).

Zanelli J. C. (2002:84). Descreve que “[...] bons entrevistadores são bons ouvintes e têm interesse profundo por pessoas. Possuem sensibilidade para com as necessidades dos atores na realidade pesquisada. [...]”. Os pesquisadores são mediadores no processo de coleta dos dados, e neste processo se torna necessário a participação atenta do pesquisador ouvindo e demonstrando interesse não somente no conteúdo da pergunta, mas nos fenômenos internos e externos que vão aparecendo no decorrer da pesquisa.

Durante o trabalho de campo, além de analisar as respostas dos informantes, este momento irá proporcionar reflexão, possibilitando novos sentidos em relação às escolhas e formas de compreender o mundo, levando-os a avaliar o seu território e a sua atuação política no grupo no qual pertence.

Desafios enfrentados na pesquisa de campo

Leite e Vasconcellos (2007:173) relatam que “Iniciar o contato com possíveis informantes não é tarefa tão fácil. Envolve sentimentos, bloqueios, preocupações que merecem atenção especial [...]”, As reações que os autores descreveram acima apresenta-se natural no processo da coleta de dados, especialmente no início da pesquisa, entretanto estes comportamentos devem ser superados pelos pesquisadores, para que não comprometa na análise dos resultados. Mesmo com pouca experiência na pesquisa de campo, os pesquisadores precisam usar de novas táticas para enfrentar as inseguranças que emergem no campo, uma vez que este é um passo fundamental do processo da coleta de dados.

Outro desafio que se apresenta no trabalho de campo refere-se à análise dos dados, visto que, este processo requer muito cuidado por parte do pesquisador para não induzir a um resultado ou procurar respostas que configura a uma hipótese sobre determinado tema de pesquisa, afirma DUARTE (2004).

Analisar entrevistas também é tarefa complicada e exige muito cuidado com a interpretação, a construção de categorias e, principalmente, com uma tendência bastante comum entre pesquisadores de debruçar-se sobre o material empírico procurando “extrair” dali elementos que confirmem suas hipóteses de trabalho e/ou os pressupostos de suas teorias de referência. (DUARTE, R. 2004:216).

Duarte, R. (2004:220), relata que durante a coleta de dados, pode ocorrer desconforto por parte do pesquisador durante a entrevista, uma vez que, o sentimento pode ser de está retirando algo do outro sem se quer depositar novamente alguma coisa para o informante. O pesquisador pode imaginar que está pegando algo de precioso durante este processo de coleta.

É necessário compreender que cada sujeito é portador de uma cultura, sendo imprescindível a compreensão dos pesquisadores, pois a resposta dos informantes será de acordo com a sua vivência no meio social. O pesquisador precisa estar atento a estes fatores para que isso não se torne um desafio no trabalho de campo. A forma como cada indivíduo contextualiza os fenômenos ao seu redor é particular e vai de acordo com a percepção de cada um. Para Zanelli J. C. (2002:85) “[...] o indivíduo, portador da cultura, interpreta a realidade e constrói “teorias” – organiza suas representações e configura os conhecimentos que acumula em suas experiências, dia após dia. [...]”.

A experiência na pesquisa de campo do projeto “Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce”

A pesquisa “Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce”, teve, como período de coleta de dados, de 2013 a 2016. Durante a coleta a pesquisa passou por duas fases, a primeira foi de 2013 até 2014, a segunda fase começou no mês de março de 2014 até 2016. Sendo assim vários pesquisadores participaram deste processo, contribuindo de alguma forma com a realização da pesquisa. Neste andamento, os pesquisadores foram registrando as experiências em um diário de campo, descrevendo os momentos que foram vivenciados, como se organizou para acessar os possíveis sujeitos de pesquisa, o primeiro contato com os informantes e com esses sujeitos reagiram ao receber o pesquisador. Abaixo encontra-se o perfil de quatro pesquisadores que participaram da segunda fase da coleta de dados.

O 1º pesquisador do sexo masculino tem 21 anos, cursa psicologia, é vinculado ao Núcleo de Estudos e Desenvolvimento Regional (NEDER/UNIVALE) e está como participa na pesquisa há dois anos e seis meses. O 2º pesquisador do sexo masculino tem 22 anos, cursa engenharia civil, é bolsista do Observatório Interdisciplinar do Território (OBIT/UNIVALE) e está há um ano no projeto. O 3º pesquisador de campo do sexo feminino, tem 22 anos e cursa psicologia, está há dois anos no projeto como estagiária do Observatório Interdisciplinar do Território (OBIT/UNIVALE), mantida pelo convênio com a Prefeitura Municipal de Governador Valadares. A 4ª pesquisadora de campo tem 26 anos, curso psicologia, e está há oito meses no projeto como bolsistas do Observatório Interdisciplinar do Território (OBIT/UNIVALE). Todos os pesquisadores citados acima não tinham experiência com pesquisa e de trabalho em campo, deste modo, foi possível perceber que várias foram as situações enfrentadas e os aspectos positivos das experiências vivenciadas. No relato abaixo é possível observar quais as dificuldades enfrentadas neste processo, assim como podemos analisar as estratégias utilizadas pelos pesquisadores de campo para superar tais obstáculos.

Considerações iniciais. Foi possível perceber no trabalho de campo que a pesquisa possibilita inúmeras experiências e oportunidades, principalmente do âmbito pessoal. Estas experiências e oportunidades estão relacionadas ao aprendizado da paciência em ouvir os informantes e lidar com as suas particularidades, momentos e universo cultural, suas formas de viver, seus tempos próprios e os modos deles compreenderem o território onde vivem e onde transitam. A vivência da entrevista constrói no pesquisador de campo, se esse desenvolver a habilidade e competência exigida pelo trabalho, empatia pelo outro. Ao exercitar as capacidades de ouvir atentamente o outro, durante uma hora e meia a duas horas, se desenrola um processo de aprendizagem de ambas as partes (pesquisador/informante). Esse processo oferece ao aluno de graduação que atua como pesquisador de campo, na condição de bolsista ou estagiário, o aprendizado pessoal e, ao mesmo tempo, lhe possibilita compreender a importância da coleta de dados para o desenvolvimento do trabalho

científico, por parte dos pesquisadores. A clareza por parte dos estudantes em relação ao projeto e sobre a importância do seu trabalho, depois de superada as dificuldades iniciais, são fundamentais para que as entrevistas de campo tornem-se momentos de descontração e partilha, proporcionando as condições propícias para os informantes ficarem em condição de suportar o tamanho considerável e diversidades de temas do questionário. O aprendizado da construção da empatia entre entrevistador e entrevistado, como relata os estudantes, não deixou de produzir momentos emotivos, pois era inevitável não me emocionar de certa forma, quando se fica diante das experiências de vida marcantes de determinados entrevistados.

Lançar-se ao desconhecido. O trabalho no campo leva o pesquisador a lançar-se no desconhecido em busca de respostas para os problemas colocados pelo questionário. O estudante em trabalho de campo se dirige ao desconhecido, pois as variáveis são diversas, dentre elas não conhecer o informante, nunca ter estado no local onde a coleta será realizada, além de enfrentar o medo quando o informante manda ter cuidado, pois na área existe muita violência. São muitos os fatores que podem gerar insegurança no estudante que sai para o trabalho de coleta dos dados, pois liberalmente ele se lança ao desconhecido. Isso não é tarefa fácil, requer do estudante dedicação e habilidades para enfrentar as muitas variáveis que podem surgir no campo.

O contato com o outro. Fazer pesquisa de campo é encontrar com o outro, abrir-se para o outro, estar disponível e saber escutar. Uma coisa é certa, ninguém sai ileso dos encontros, tanto o pesquisador quanto o entrevistado, pois ocorre uma troca e cada um recebe algo, sendo bom ou ruim. A entrevista é sempre um encontro com o outro, que pode ser bom ou ruim, fácil ou complicado. Isso vai depender da forma como o vínculo inicial se estabelece, pois o primeiro momento, ou melhor, o instante inicial é decisivo para o sucesso ou fracasso da entrevista. O estudante precisa estar consciente e envolvido no projeto de pesquisa, pois se exige dele a capacidade de aprender o contato com o “outro” (informante), na difícil arte da paciência e escutado “outro”, durante o processo de coleta de dados.

A importância de se ter um orientador de campo. O trabalho de aplicação dos questionários precisa ser norteado por um orientador (a) de campo, pois requer muita dedicação e atenção no preenchimento e, principalmente, na forma de relacionar e perguntar. Um aprendizado importante é o da cautela com as perguntas a serem feitas e, principalmente, a forma de se perguntar. Várias dificuldades podem surgir no trabalho de campo, que precisam ser superadas com agilidade, para não se perder produtividade. Entre as dificuldades mais comuns enfrentadas durante o trabalho de campo estão a demora em localizar ou a não localização da residência, erros no perfil a ser completado, recusa em conceder a entrevista, desistência antes de completar o questionário, desconfiança causada por diversos fatores conjunturais (crise econômica, crise da Samarco, medo de fiscalização da Prefeitura etc.), ausência de alguma pergunta no questionário, dentre outras. O estudante bolsista ou estagiário encontra essas dificuldades e, para superá-las, precisa do auxílio do orientador de campo, com a habilidade e a capacidade de motivação necessária para não deixar esmorecer o ritmo da coleta de dados. O orientador de campo deve ser um profissional habilidoso, plenamente conhecedor do questionário e das diversas áreas em que se dividiu a cidade, capaz de dar o direcionamento aos estudantes sobre qual conduta adotar frente às dificuldades, para que assim a pesquisa não fique comprometida.

O início do trabalho de campo. A inexperiência no trabalho em campo por parte dos estudantes bolsistas e estagiários contribui para agravar o estado de insegurança e para aumentar o nervosismo. Isso cria um problema, pois cresce o risco de se cometer falhas e induzir as respostas. Os dois primeiros meses de trabalho de campo, o custo representado pela aplicação do questionário, em função do tamanho e complexidade das perguntas, são os mais difíceis. “Como já é de se imaginar, foi bem mais complicado, pois como não tínhamos prática com a pesquisa (questionários), a demora

ao realizar as perguntas foi marcante, pois o questionário além de extenso requer do pesquisador muita atenção e cuidado para não induzir aos informantes a uma resposta.”

Características do informante e do local da pesquisa. O perfil a ser completado foram homens e mulheres de 18 a 78 anos de idades. O lote a ser pesquisado foi selecionado de forma aleatória pelos pesquisadores do projeto “Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce”, pela equipe do CEDEPLAR/UFMG. Caso o morador determinado não estivesse em sua residência no momento em que o pesquisador fosse ao campo, o lote ao lado da quadra selecionada poderia ser pesquisado. Os estudantes pesquisadores de campo foram distribuídos por conglomerados urbanos (bairro ou parte do bairro). Essa distribuição fez com que pesquisadores de campo ficassem com áreas urbanas periféricas e outros com bairros centrais. A princípio, pareceu aos estudantes que os das áreas centrais foram privilegiados, pois teriam mais facilidade. Entretanto, a experiência desmentiu e indicou ser um preconceito inicial, pois os relatos dos estudantes pesquisadores indicam que nas áreas periféricas da cidade se encontrou mais boa vontade em responder ao questionário e, em função da receptividade, se encontrou mais facilidade em sua realização. Isso foi em função de se encontrar maior interesse em participar da pesquisa e, ao mesmo tempo, também houve mais facilidade em encontrar as pessoas em casa. Portanto, além de ter sido mais fácil encontrar o informante desejado, esse se apresentou mais disponível. “Na periferia a gente era recebido com atenção e o morador demonstrava orgulho por estar participando da pesquisa.” Todavia, na periferia nem tudo é como se disse acima. No trabalho de campo o encontro com o outro sempre apresenta surpresas, sendo assim, torna-se muito comum se deparar com informantes que demonstram desinteresse em participar da pesquisa, agressividade, inconveniência e recusa em responder ao questionário (o que é direito do informante). Houve situações nas quais os estudantes pesquisadores enfrentaram hostilidades, se encontraram em “boca de fumo”, lidaram com chefes de gangues, foram insultados, particularmente ouviram: “isso é pesquisa para políticos safado que só quer ganhar votos”.

Já na parte central a maior dificuldade era encontrar o informante determinado, particularmente porque a definição aleatória dos lotes recaía sobre pontos comerciais. No caso das residências e apartamentos, foi comum não encontrar o informantes no horário em que o pesquisador ia até eles, pois estavam em horário comercial (trabalhando). No caso em que os informantes residem em prédios, se encontra diversos obstáculos para se conseguir o contato com o informante, pois prevalece uma situação de desconfiança. De um modo geral foi mais fácil encontrar pessoas na faixa etária acima de 60 anos. Isso não é de se estranhar, visto a população da parte central da cidade ser mais antiga. Também foi mais fácil encontrar donas de casa. Esses informantes contribuíram mais, inclusive pela disponibilidade em ficar o tempo longo requerido para responder as perguntas do questionário.

A pesquisa em domicílio: Alguns pesquisadores descreveram que o fato da pesquisa ser realizada em domicílios, se tornou ameaçador, particularmente por estarem em locais completamente desconhecidos. A pesquisa domiciliar requer do pesquisador boa vontade, disponibilidade em ouvir as informações, empatia, entre outras características. Entretanto, ir ao campo onde não se conhece o ambiente, a cultura do informante, o viver e as relações de poder dentro da comunidade não é tarefa tão fácil. As situações reais de perigo criam estados de medo, aumentado quando os informantes repetem com frequência que é para se ter cuidado, pois o lugar é “perigoso”. A entrevista domiciliar requer do pesquisador cuidados particulares, entre os quais o uso de roupa adequada ao trabalho em campo (discreta e formal), adentrar na casa do informante somente se sentir muito seguro, não ir sozinho (a) em local sabidamente violento ou sujeito a disputa de gangues, entre outros.

Os medos de errar na coleta de dados. Cada conglomerado urbano que compôs as partes nas quais a cidade foi dividida, conforme a formação histórica do território, teve um perfil a ser completado. O fator sexo e idade (mulheres e homens de 18 até 78 anos de idade) exigia encontrar o perfil

determinado e, não poderia ocorrer erro na identificação do informante certo. Isso era motivo de ansiedade, medo e insegurança, particularmente nos primeiros meses de participação no projeto, uma vez que, ocorrendo erro no perfil, uma nova entrevista deveria ser realizada. Isso era muito cobrado pois aumentava os custos e prolongava o tempo de trabalho de campo. Em relação à entrevista, o medo de fazer algo errado que comprometesse os dados da pesquisa esteve sempre presente. O tamanho do questionário e sua complexidade ampliava muito esse receio de erro, uma vez que qualquer equívoco por parte do pesquisador seria difícil de reverter, pois dificilmente se conseguiria a disponibilidade do entrevistado para se submeter ao extenso tempo necessário para responder novamente as questões. Outro problema era o fato da reaplicação do questionário não ser custeada pelo projeto (pela inexistência de recursos para isso). O medo de errar era aumentado pelo fato do pesquisador arcar com o custo da reaplicação do questionário.

Dificuldades colocadas pelo trabalho de campo: As dificuldades também emergiram no campo, sendo estas, dificuldade de encontrar pessoas disponíveis e com boa vontade para responder ao questionário, ainda mais por se tratar de um questionário extenso. Conseguir que o informante responda as questões até o término da pesquisa; encontrar os moradores em seus domicílios no horário em que o pesquisador vai até a sua residência. Realizar a pesquisa em tempo hábil, sem comprometer as informações do questionário. E em relação ao clima as opções eram mínimas, visto que na cidade predomina o calor excessivo na maior parte do ano, sendo assim, a pesquisa foi realizada sob o sol/ou chuva, “o jeito foi encher a garrafinha de água”. As dificuldades no trajeto até o informante desejado não era fácil, pois o mapa utilizado para identificação do domicílio podia não corresponder de fato ao lote existente na realidade. Na maioria dos casos isso ocorria devido a construções irregulares, que não são registradas na prefeitura municipal. Encontrar o lote selecionado tornou-se uma tarefa difícil para o estudante pesquisador, inclusive porque os nomes das ruas não eram mais as que constavam no mapa utilizado. A segurança do pesquisador ficava fragilizada em bairros “perigosos”, no qual a presença de conflitos de gangues é uma realidade, além de serem algumas áreas “territórios do crime”, cuja autoridade pertence a organização criminosa. Os ataques de cachorros soltos na rua, a recusa das pessoas em participar da entrevista, as “piadinhas” e a situação de receio por se encontrar em locais totalmente estranhos fizeram parte do cotidiano dos estudantes pesquisadores. No final, quando a maior parte dos questionários tinham sido aplicados na zona determinada, conforme o mapa entregue ao estudante pesquisador pelo coordenador do trabalho de campo, ficava mais difícil pois faltava a faixa etária do sexo masculino, das idades entre 18 a 39 anos. Por fim, a última dificuldade encontrada pelos estudantes pesquisadores, foi em relação aos perfis, no final da pesquisa, pois em alguns lotes selecionados, não havia moradores com a idade e/ou sexo exigidos, acontecendo de algumas vezes a ida ao campo não resultar em aplicação de questionário.

Superação e estratégias utilizadas pelos pesquisadores no trabalho de campo: Descobriu-se no decorrer do trabalho de campo que a bicicleta poderia ser um auxiliar muito útil. Os morros e os cachorros de ruas eram estrategicamente “vencidos” com o auxílio da bicicleta. Ela servia de apoio e companhia para as subidas e descidas dos morros e para escapar dos cachorros. Quanto a dificuldade em encontrar os moradores nos domicílios, a estratégia foi diversificar o horário de ida ao campo. Para conseguir o perfil masculino, na faixa de 18 a 39 anos, a solução foi ir ao campo após o horário comercial. O trabalho de campo somente foi bem sucedido porque os estudantes pesquisadores, em função da solução por eles proposta, de ir ao campo em períodos diferentes do dia (manhã, tarde e noite). Ao se apresentar ao morador escolhido, conforme o perfil e o domicílio determinado, antes de começar a entrevista, já era possível perceber se haveria aceitação e facilidade ou dificuldades. A apresentação (quem sou, onde estudo, o curso que estudo, o porquê na entrevista, para quem e o porquê da pesquisa) era muito importante para estabelecer uma confiança inicial, daí não poderia ser formal e feita com indiferença. Isso se aprendeu desde as primeiras entrevistas. Foi muito importante para os informantes saberem que a pesquisa ia muito além de estudos científicos, mas que poderia refletir em melhorias para aquela localidade futuramente. Os

estudantes pesquisadores informavam aos moradores e explicava que era uma pesquisa sobre migração e meio ambiente. Buscava uma aproximação que desfazia sentimentos de desconfiança e ajudava no reconhecimento do campo. Conhecendo a importância e possíveis impactos sociais da pesquisa os moradores ficam mais motivados a participar e se tornavam comprometidos. Nem todas as pessoas escolhidas aceitavam participar da pesquisa. O direito a recusa era esclarecido ao informante, antes de convidá-lo a participar da entrevista. Em caso de recusa, os pesquisadores poderiam ir às casas vizinhas até encontrar uma pessoa com o perfil determinado. Quanto aos bairros “perigosos” a tensão aumentava, à medida que não se encontrava logo o perfil desejado.

Sentimentos comuns que os pesquisadores apresentaram durante a coleta de dados. Durante o trabalho de coleta de dados surgiram angústias por parte dos pesquisadores em relação a sua produtividade no campo. Entretanto, a maior angústia foi em relação a sua efetiva participação como bolsistas de iniciação científica na produção de conhecimento. O bolsista não quer somente o valor financeiro da bolsa e servir instrumentalmente ao projeto. Ele deseja de fato aprender a fazer pesquisa e publicar. Muitos questionamentos e cobranças foram feitas ao coordenador da pesquisa e aos professores da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), encarregados de acompanhar o trabalho de campo. Os estudantes bolsistas e estagiários queriam participar efetivamente e, para isso, era fundamental que tivessem conhecimento sobre a finalidade das informações que estavam sendo colhidas. Eles queriam saber como as informações eram úteis aos objetivos do projeto de pesquisa, bem como sobre o porquê das perguntas do questionário. Desejavam saber sobre a montagem do banco de dados e de como poderiam utilizá-lo. Portanto, os estudantes pesquisadores demonstraram necessidade em conhecer o objeto em estudo, o porquê das perguntas, os objetivos gerais e específicos do projeto, dentre outras. Como houve atendimento dessa demanda e seminários foram realizados com os estudantes pesquisadores, esses deixam de se perceber como “mão de obra barata” e passam a compreender a sua importância no processo de construção do conhecimento, particularmente pela importância da pesquisa para a cidade de Governador Valadares e região. Os pesquisadores de campo compreenderam que seu trabalho é muito importante para o desenvolvimento e sucesso de toda a pesquisa. Assim, ficou claro que os estudantes pesquisadores desejam fazer parte efetiva de todo o processo, inclusive de elaborar trabalhos a partir do banco de dados que ele está contribuindo para ser construído.

O que se colhe da pesquisa de campo? Varias são as experiências que se colhe do trabalho de campo, estas experiências vão além da formação acadêmica. Ela amplia nossa visão a respeito de muitos conceitos, nos ensina a lidar com situações inusitadas, leva-nos a descobrir forma de abordar as pessoas e principalmente a desenvolver meios de ultrapassar nossas próprias limitações e conceitos pré-estabelecidos sobre a cultura do “outro”. O trabalho de campo feito por estudantes bolsistas e estagiários ensina a se colocar no lugar do outro (empatia), reconhecer que somos diferentes e a lidar com as diferenças. Por fim, a participação na pesquisa “Migração, Vulnerabilidade e Riscos Ambientais no Vale do Rio Doce” contribuiu significativamente para o desenvolvimento das habilidades de pesquisador dos estudantes bolsistas e estagiários do OBIT/Univale e do NEDER/Univale. Além disso, possibilitou o crescimento pessoal e profissional no sentido de entender e lidar com diversos pontos de vista.

Considerações Finais

Este artigo procurou apresentar os desafios enfrentados pelos estudantes pesquisadores na coleta de dados para o projeto de pesquisa “Migração, Vulnerabilidade e Mudanças Ambientais no Vale do Rio Doce”, por meio do relato de experiências e dos cadernos de campo. Com isso foi possível perceber que a efetivação de uma pesquisa exige dos pesquisadores, particularmente do coordenador da pesquisa, o esforço para efetivamente incorporar o estudante pesquisador em todas as dimensões da pesquisa. Assim, o trabalho de campo dos estudantes possibilitará não apenas um

melhor resultado e qualidade dos dados obtidos no campo, mas também oferecerá a oportunidade para o desenvolvimento das competências e habilidades da iniciação científica. Nesse sentido, a participação na organização e funcionamento do trabalho de campo será melhor se o estudante possuir o conhecimento e o porquê do projeto de pesquisa. A fase da coleta de dados demanda uma atenção ainda maior, especialmente, quando se trata de um questionário complexo e longo. Fica a certeza da necessidade de ver o estudante para além do simples aplicador de questionário, mas como um aprendiz da pesquisa, capaz decorrelacionar teoria e prática em torno da questão/problema de pesquisa, conhecendo o porquê das perguntas do questionário.

Os estudantes pesquisadores compreenderam que são diversos os desafios enfrentados no trabalho de campo, porém foi possível perceber em todos eles que aprenderam a arte das estratégias para superar os desafios encontrados. Conforme as diversas situações concretas, os estudantes utilizaram táticas diferentes, de acordo com as características pessoais de cada um e conforme cada dia, uma vez que cada campo apresenta demandas específicas.

Referências

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**, Curitiba: UFPR, 2004.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**, Cadernos de pesquisa-campinas. n. 115, p. 139-154, Jul. 2001.

ESPINDOLA, H. S. **A história de uma formação socioeconômica urbana: Governador Valadares**. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 19, p. 148-162, 1998.

ESPINDOLA, H. S.; ESTEVES, A. C. G.; Martins, R. F. **Apropriação privada e ação regulatória. Propriedade e posse da terra em Minas Gerais: 1891-1960**. *Revista da Associação Mineira de Direito e Economia*, v. 1, p. 1-30, 2010.

ESPINDOLA, H. S.; ESTEVES, Ana Caroline. ; MARTINS, Renata Flor. ; MORAES, J. C. P. P. ; AQUINO, B. P. **Emergência do Movimento Social no Campo: conflito entre posse e propriedade em Minas Gerais**. In: XIV Encontro Nacional da ANPUR, 2011, Rio de Janeiro. XIV Encontro Nacional da ANPUR. Rio de Janeiro: ANPUR, 2011. v. 1. p. 1-17.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**: apostila. Fortaleza: UEC, 2002.

GERHARDT, Tatiane. E; SILVEIRA Denise, T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa: como encaminhar uma pesquisa?** 4º ed. São Paulo: atlas S.A, 2002.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5º. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, Cristiana Maria de Oliveira. **Novos valores, velhas questões: o planejamento urbano em Governador Valadares**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. (Tese de Doutorado).

LEITE Silvana N; VASCONCELLOS Maria P. C. **Construindo o campo da pesquisa: reflexões sobre a sociabilidade estabelecida entre pesquisador e seus informantes**.

OLIVEIRA, Roberto. C. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. São Paulo: UNESP, 1998.

Saúde Sociedade. São Paulo, v.16, n.3, 2007.

VILARINO, Maria Terezinha B. **Entre lagoas e florestas: atuação do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) no saneamento do médio rio Doce: 1942-1960.** Belo Horizonte: UFMG, 2008 (Dissertação de Mestrado).

ZANELLI José C. **Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas: estudo de psicologia,** 2002.